

## Epígrafe

Um corte profundo no universo de uma família classe média, com grandezas e misérias retratadas com a sensibilidade de uma jovem que pagou amargo preço por ter vivido o nosso tempo sem renunciar à própria dignidade. Conflitos de uma época em que o sexo, o estupro, as drogas, a morte da melhor amiga vitimada por si mesma, e, sobretudo, a nostalgia da inocência perdida e o sentimento de culpa expresso sem autopiedade, são elementos que Cris Pimentel, em seu romance de estreia, compõe com absoluto domínio de suas emoções. E obriga o leitor a refletir sobre “a tal felicidade” que na maioria das vezes é apenas um apelo que nem sempre podemos seguir.

Carlos Heitor Cony

## Prefácio

Este livro em suas mãos é a simbiose do criador e da criatura. Nem todo livro o é. A autora, Cris Pimentel, é jornalista. Mas também escritora. Em ambos os ofícios, em resumo, é preciso saber contar histórias. Esta é uma regra sagrada.

Mas Cris não teria escrito *Ana e a tal felicidade* se não tivesse passado por redações de revista, jornal, rádio e coxias de espetáculos. A repórter Cris Pimentel consegue traduzir impressões singelas que dão vida a Ana, protagonista do seu livro. Só um escritor dá um mergulho desta profundidade.

O texto do repórter é imediato, instantâneo. O do escritor é mais pensado, elaborado. Cada palavra precisa ser degustada. E cada frase traz o impulso atávico de seguir em frente, até o ponto final. Jorge Amado dizia que depois que o autor termina sua obra, ela não mais lhe pertence. E, sim, ao mundo. É a mais pura verdade.

*Ana e a tal felicidade* nos remete a fases da vida e toda a delicadeza e crueza que as embalam. O livro nos convida a deslizar pela existência da personagem como alguém que nos é próximo. E é mesmo. Quem não conheceu uma Ana na vida? Quem não foi Ana em algum momento?

Leia este livro sabedor que você terá uma narrativa de personalidade, delicada, mas precisa. Algo bem típico de alguém que consegue ser jornalista e escritora ao mesmo tempo.

Sidney Rezende